

O CAMINHO SUAVE NO COTIDIANO DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

*Francisca Izabel Pereira Maciel**
*Sônia Maria dos Santos***

RESUMO

Este artigo é dedicado a uma discussão aberta aos pesquisadores de diferentes áreas do campo das ciências sociais, que têm como objeto e fonte de estudo as cartilhas de alfabetização. As cartilhas assim como os métodos foram, durante décadas, o problema central da alfabetização. O enfoque dado nesse artigo foi: i) análise da materialidade de exemplares da cartilha Caminho Suave; ii) análise de depoimentos de professoras alfabetizadoras que utilizaram essa cartilha para ensinar a ler e escrever. A cartilha *Caminho Suave* de autoria de Branca Alves de Lima foi produzida no final dos anos 40 do século XX e circula até hoje no mercado editorial brasileiro.

Palavras chaves: Alfabetização. Caminho Suave. História da educação

ABSTRACT

This article is devoted to a discussion open to researchers from different areas of social sciences, whose object and source of study are the literacy spelling books. The spelling books as well as the methods were, for decades, the main problem of literacy. The approach taken in this article was: I) analysis of the materiality of copies of the spelling book “Caminho Suave”; II) analysis of literacy teachers’ statements who used this spelling book to teach how to read and write. “Caminho Suave” spelling book, authored by *Branca Alves de Lima*, was produced in the late 1940s, and circulates the Brazilian publishing market up to today.

Keywords: Literacy. “Caminho Suave”. History of education

* Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte-MG, Brasil. Professora associada da FAE-UFMG. E-mail: franciscamaciel@ufmg.br

** Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil. Professora associada da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: soniam@ufu.br

As pesquisas sobre a história da alfabetização no Brasil vêm ganhando espaço nos programas de pós-graduação em educação, não só na linha de história da educação, como também na área da educação e linguagem e na constituição de grupos de pesquisas¹.

Os investimentos em produções científicas realizadas em nossos grupos têm ainda possibilitado a *constituição* de um acervo de documentos² variados, que resultam em coleções de cartilhas; fotografias, entrevistas, documentos oficiais, cadernos de professores e alunos. Essas coleções têm nos possibilitado analisar não só a materialidade dos objetos-fontes em diferentes aspectos, como produção, edição, autoria, metodologia, em diferentes momentos históricos da educação e, em especial, o da alfabetização, como também analisarmos os usos, as práticas e os saberes docentes das alfabetizadoras.

Este artigo é fruto dos trabalhos de pesquisas individuais e coletivas, de orientações de alunos de graduação e pós-graduação no campo da historiografia da alfabetização no Brasil. O trabalho que ora apresentamos retrata, em parte, o que estamos realizando como pesquisadoras da história da alfabetização no Brasil e dá continuidade à proposta apresentada por Maciel (2002), no artigo *As cartilhas e a história da alfabetização no Brasil: alguns apontamentos*, em que a autora analisa brevemente cinco cartilhas³, destacando a importância de se pesquisar de forma mais verticalizada as cartilhas apresentadas, ou até mesmo de fazer uma genealogia, tal como propõe Batista (1999), e a importância de se conhecer os usos, as práticas e os saberes das alfabetizadoras, como destaca Santos (2001) em suas pesquisas sobre história oral de professoras alfabetizadoras.

O enfoque dado neste texto é a análise da Cartilha *Caminho Suave*, de autoria de Branca Alves de Lima (1911-2001), que também dá nome à editora, e que durante cinco décadas foi editada e utilizada nas escolas

¹ A produção acadêmica está bem representada no livro organizado por Mortatti (2011) *Alfabetização no Brasil: uma história de sua história*

² Doações de professores que participaram como sujeitos de pesquisas dos Grupos coordenados por Maciel e Santos.

³ Bacadafã, *Methodo Pinheiro Ba-ca-da-fa ou Methodo de Leitura Abreviada*³, de Antonio Pinheiro de Aguiar; *O Primeiro livro de leitura*, de Felisberto de Carvalho; *O Livro de Lili*, de Anita Fonseca; *Upa, cavalinho!*, de Lourenço Filho; e *Caminho Suave*, de Branca Alves de Lima.

brasileiras. Por que a escolha da Cartilha *Caminho Suave*? Várias razões levaram-nos à escolha dessa cartilha para a problematização neste trabalho, entre elas, podemos citar a sua larga aceitação nas escolas brasileiras, nos depoimentos orais de professoras⁴ e nas lembranças de estudantes da década de 50 a 90 do século XX⁵.

Considerado um dos best-sellers da história da alfabetização no Brasil, essa cartilha merece continuar sendo investigada, analisada em suas várias edições e ilustrações. E, principalmente, deve-se tentar apreender as razões de sua grande aceitabilidade entre o professorado brasileiro. Dizer que isso se deve ao fato de ser um material “fácil” de se trabalhar é simplificar por demais uma prática pedagógica dos professores em um processo tão complexo como é o da alfabetização.

Chama-nos a atenção a longevidade dessa cartilha, em um período que é fortemente marcado em Minas Gerais pelas prescrições oficiais com orientações metodológicas do método global para a aprendizagem inicial da leitura e da escrita. O sucesso editorial da cartilha e da Editora de Branca Alves de Lima está expresso na vendagem de mais de 40 milhões de exemplares, desde a sua 1ª edição, em 1948. No ano de 1996, a cartilha deixa de ser comprada pelo governo, por não se adequar aos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais). E com as mudanças do governo para avaliação de livros didáticos, o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), a cartilha foi reprovada, assim como outras, por conduzir de forma mecanizada e restrita o aprendizado inicial da leitura e da escrita.

O século XXI marca um crescimento no Brasil na literatura acadêmica de teses e dissertações, realização de pesquisas integradas e consolidação do campo da história da alfabetização, não só pelo crescimento de pesquisas e estudos⁶, mas também pela criação, em 2012, da Sociedade Brasileira de História da Alfabetização, Leitura e Escrita⁷.

⁴ Pesquisas orientadas pela prof^a. Sonia Santos.

⁵ Entrevistas realizadas com familiares de alunos do curso de Pedagogia da FaE/UFMG, sob a coordenação da prof^a. Francisca Pereira Maciel, na disciplina Alfabetização e Letramento.

⁶ O livro organizado por Mortatti (2011) apresenta o repertório dessas produções.

⁷ O movimento para criação da Sociedade consolidou-se em 2010, em Marília, durante a realização do I Seminário Internacional sobre História do Ensino de Leitura e Escrita (ISIHELE), sob a coordenação de Mortatti.

Se, por um lado, o século XXI é um marco histórico para nós que pesquisamos e estamos, de certo modo, re-construindo a história da alfabetização no Brasil, o século XIX não deixa de ser para nós outro grande marco, pois é nesse período que a aprendizagem da leitura e da escrita ganha um dos utensílios que será cada vez mais utilizado pelos alunos: as cartilhas.

O ensino simultâneo trouxe, no século XIX, uma renovação pedagógica e os materiais escolares passam a ser considerados como utensílios essenciais às novas práticas pedagógicas. Os livros escolares ocupam lugar privilegiado, entre as turmas que iniciavam a leitura e a escrita. Além da economia no tempo didático para os professores, o uso do livro escolar em sala de aula dava mais agilidade ao professor: ao invés de escrever tudo no quadro, os alunos poderiam seguir as lições na cartilha, em suas carteiras (MACIEL, 2003). A expansão dos livros escolares tinha como princípio racionalizar e formalizar a instrução pública, pois os livros escolares não deixam de apresentar

um conjunto lógico e coerente de ideias e valores, capaz não só de ‘explicar a prática pedagógica’ como também, e sobretudo, de ‘regulá-la’, fornecendo regras e normas para que ela se desenvolvesse de forma ‘científica e justa (SOARES, 1991, p. 55).

Para nós, os livros escolares, ainda que seja um objeto material e ideológico, devem ser entendidos como um artefato da cultura escolar, pois, como nos diz Viñao-Frago, “*a cultura escolar é toda a vida escolar: todos os fatos e ideias, mentes e corpos, objetos e comportamentos, modos de pensar, dizer e fazer*” (1995, p. 68).

As produções editoriais dos livros destinados ao ensino da leitura e da escrita apresentam características muito definidas, nas quais, apesar das aparências, podem ser identificadas divergências e disputas editoriais.

Em linhas gerais, destacam-se duas abordagens metodológicas: métodos sintéticos e analíticos. Ambos têm respaldo científico, isto é, pesquisas realizadas para legitimar a superioridade de um sobre o outro, e a mesma finalidade de ensinar a ler e a escrever, isto é, alfabetizar. Por métodos sintéticos entendem-se os que principiam pelo estudo dos fonemas

(letras), ou pelos sons elementares (sílabas) em direção ao todo (sentenças e pequenos textos). Os analíticos, ao contrário, procuram obter o mesmo resultado, partindo de sentenças e pequenos textos em direção às partes. Algumas produções procuram mesclar os dois, o método misto ou eclético.

Mortatti (2000) afirma que as primeiras cartilhas brasileiras produzidas foram nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, cuja opção didática era o método sintético. Minas Gerais também se mostrou como importante *locus* de editoração de materiais didáticos ligados ao campo da alfabetização, voltados para a marcha analítica, com ênfase no método global⁸.

A cartilha “*Caminho Suave*” foi publicada inicialmente em 1948-1949¹⁰ e foi editada com apoio do governo até meados dos anos 90. Está entre os livros mais utilizados nas escolas e pode ser considerado o *maior sucesso editorial do país e o símbolo por excelência da alfabetização tradicional* (FIORAVANTI, 1996).

O sucesso editorial é avaliado pelo número de exemplares vendidos, e esta cartilha vendeu mais de 40 milhões de exemplares em cinco décadas, e ainda continuou no ano de 2010 (129ª. Ed), entre as dez mais vendidas na categoria Educação e Pedagogia, de acordo com as informações no site da Livraria *on line* da Folha¹¹. A novidade da cartilha é de que, na edição de 2010 (129ª.), os textos estão de acordo com as atualizações do Novo Acordo Ortográfico.

Somando-se ao sucesso de exemplares vendidos dessa cartilha, temos a continuidade de sua edição, após a sua exclusão entre os indicados no Programa Nacional do Livro Didático, em 1996. Além disso, a ausência de mudanças significativas no interior do livro, ao longo de várias décadas,

⁸ Ver os trabalhos de investigação de Frade (2010 a, 2010 de) sobre autores mineiros de cartilhas e livros de leitura.

⁹ Maria do Rosário Magnani analisou dois manuais (1948 e 1977) e dois livros do aluno (1954-8ª ed. e 1991-104ª ed).

¹⁰ Não há concordância quanto à data da primeira Edição: para Pfromm Neto et ali, a 1ª edição é de 1949; no site, a cartilha *Caminho Suave* foi concebida em 1946 e publicada em 1948.

¹¹ <http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/760771-cartilha-caminho-suave-lidera-mais-vendidos-em-educacao-e-pedagogia.shtml>

conforme análise realizada por Dietzsch (1979), e ainda os depoimentos de professoras¹² alfabetizadoras que usaram a cartilha vêm corroborar o sucesso dessa obra. Aliada aos usos dos professores, desafiando o tempo, as lições permanecem imutáveis às mudanças nos discursos oficiais. Isso nos faz acreditar na autoridade/autonomia dos professores em sobrepor as orientações de uma metodologia que difere das orientações oficiais. O professor, com sua autoridade pedagógica, diz o que é melhor para a aprendizagem dos alunos. O governo, por sua vez, procura conciliar esse impasse ao acatar a demanda dos professores, isto é, adquirindo livros que, de certa forma, contradizem os regulamentos e os programas oficiais, conferindo, assim, aos professores autonomia para administrar os saberes pedagógicos.

A autoridade/autonomia dos professores pode ser medida, principalmente no estado de Minas Gerais, onde as determinações oficiais do uso do método global estavam postas desde a Reforma do Ensino de 1906 até o início da década de 70.

Para entendermos as razões de uso da cartilha *Caminho Suave* em Minas Gerais, em um contexto adverso às orientações oficiais, faremos uma breve explanação sobre o contexto educacional mineiro e a adoção do método global como o mais indicado para a aprendizagem da leitura e da escrita.

Contexto educacional mineiro: a permanência metodológica

A permanência metodológica pode ser indicada como uma das características das reformas em Minas Gerais, desde 1906 até a década de 70, em torno da adoção do método global para o ensino inicial da leitura e da escrita.

O Decreto 1.947 de 30 de novembro de 1906 já determinava que a leitura deveria ser:

¹² Não foram incluídos neste artigo os depoimentos de alunos que foram alfabetizados com a cartilha *Caminho Suave*.

Em vez de decorar sons e valores das letras, para depois formar as combinações que produzam o vocábulo, a criança começará por este ultimo, ligando desde logo a ideia expressa pela palavra ao corpo de letras que a formam (MINAS GERAIS, Decreto, 1.947/1906).

Essas orientações foram reforçadas com a Reforma de Ensino de 1927, em que o Secretário Francisco Campos fazia questão de focar junto às diretoras de escola os princípios da reforma:

Lembro-me de uma tarde em que ela (a diretora) chegava afogueada de uma dessas reuniões. Levávamos as crianças em fila até o portão do grupo, quando ela nos abordou: - 'Preciso falar agora a vocês, professoras do 1º ano. Vamos ao gabinete!' E lá repetiu-nos uma aula ouvida de Dr. Campos sobre ensino da leitura que determinava com convicção: - 'De amanhã em diante, nada de letras e sílabas. As crianças vão aprender a ler, lendo'¹³ (LUCIA CASASANTA, ibd MACIEL 2001, p. 70).

As orientações são claras quanto à metodologia a ser usada para ensinar a ler e a escrever. Desde o Período Preparatório, o Programa explicita a opção pelo método global e traz em nota na p. 12: *NOTA: Deve-se ter o cuidado de não apresentar palavras isoladas, em fichas, para que, desde o início, a vista se habitue a perceber grupos de palavras.*

A ênfase dada ao Período Preparatório, como diz o nome, é preparar o aluno para aprender a ler e a escrever e, nessa direção, é natural que se adote um pré-livro, desde que esse material esteja de acordo com o Programa que diz:

As melhores correntes pedagógicas apontam, em nossos dias, como preferível, o método global, porque:

- a) forma o complexo processo de ler, nos seus aspectos fundamentais, de uma vez e não por partes;
- b) desenvolve o hábito de ler em unidade de pensamento e não palavra por palavra;

¹³ Apontamentos pessoais de Lúcia Casasanta.

- c) dá e mantém a atitude fundamental para com a leitura, o que garante o desenvolvimento normal do processo de ler;
- d) favorece a rapidez de reconhecimento das palavras de que depende, em grande parte, a interpretação da leitura;
- e) favorece a formação dos movimentos oculares correto, dirigidos pelo pensamento e não pelo uso das palavras;
- f) favorece melhor e mais rapidamente do que qualquer outro método a independência do aluno no reconhecimento das palavras (PROGRAMA DE ENSINO DE 1927, p15).

Na sequência, são apresentados os materiais básicos, suplementares e atividades para a aplicação do método global, descrevendo minuciosamente todas as cinco fases de aplicação do método.

Essas orientações e longevidade das orientações metodológicas em favor do uso do método global em Minas Gerais podem ser comprovadas no Programa de Ensino Primário Elementar de 1961, programa que fica em vigência até 1971. Como consequência, esse fenômeno desencadeia uma farta produção didática de cartilhas e pré-livros de autores mineiros e reforçados com títulos usados nacionalmente, ambos de marcha global e/ou analítica¹⁴.

Em meio a toda a essa produção, focalizaremos nossa análise em algumas edições da cartilha *Caminho Suave*, localizadas em nossos acervos e, assim, reconstituir parte da história desse livro escolar.

A cartilha *Caminho Suave*¹⁵ e a alfabetização pela imagem

A cartilha *Caminho Suave*, desde a primeira edição, foi produzida pela própria editora Caminho Suave Limitada. *Caminho Suave* é um exemplo de um material didático que, desde início, foi um sucesso editorial, com mais de uma edição anual, composta de 100.000 cada uma. Até o momento, não encontramos uma tese ou dissertação que tenha como objeto-fonte especificamente essa cartilha. Entretanto, segundo

¹⁴ Ver publicações de Frade (2010) e Maciel (2001).

¹⁵ Parte deste texto encontra-se no artigo de Maciel (2002).

as análises feitas por Dietzsch (1970) entre a primeira publicação, em 1948, até as publicadas em 1971, nenhuma das edições sofreu qualquer modificação. As alterações feitas na década de 70 vieram em decorrência de uma ascensão da produção didática fundamentada nos pressupostos do método global, acarretando uma queda nas vendas. Outras alterações ocorreram na década de 80 e serão analisadas posteriormente.

A cartilha *Caminho Suave* fazia parte dos livros conveniados ao Instituto Nacional do livro - MEC, o que lhe garantia distribuição gratuita nas escolas públicas brasileiras, até meados dos anos 90, quando a cartilha foi reprovada pela comissão de avaliação do livro didático, Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) do Ministério da Educação.

Embora seja um livro recente, não deixa de ter a efemeridade da maioria dos materiais didáticos. Os exemplares de que dispomos para analisar são quatro edições do livro do aluno e dois guias do professor, posteriores às modificações feitas pela autora, na década de 70, e uma edição ampliada e reformulada da década de 80. Por isso vamos recorrer a outras fontes para ampliar e esclarecer aspectos que forem necessários.

As primeiras edições trazem na capa colorida a ilustração de um menino e uma menina bem vestidos, caminhando de mãos dadas, carregando cada um a sua pasta escolar, em direção a um prédio estiloso, monumental, tal como foram construídos os primeiros grupos escolares (FARIA FILHO, 2000). As mudanças na cartilha, a partir da década de 70, alteram a capa, que passa a ter um desenho mais estilizado e que nos dá a impressão de ser uma imagem da zona rural, diferentemente das edições anteriores, que apresentavam traços de uma arquitetura urbana. Uma das hipóteses para essa modificação da capa pode ser atribuída à grande aceitação do uso da cartilha *Caminho Suave* nas escolas das zonas rurais. E a terceira capa, apresentada abaixo, continua o caminho para se chegar até a escola e aumenta os “personagens” para além do casal de alunos uniformizados; tem-se, também, um cachorrinho, um menino negro, e todos, muito felizes, caminham suavemente em direção à escola, que é o ponto final da caminhada.



Capa de uma edição de 1964



Capa da 76ª. edição de 1974



Capa de uma edição da década de 80

Seguindo os movimentos editoriais da época, a partir da década de 70, a Editora *Caminho Suave* passa a produzir outros materiais complementares, audiovisuais e 1º Livro de leitura. A quarta capa da 76ª. Edição de 1974 apresenta uma extensa lista dos materiais produzidos pela Editora, além da Cartilha *Caminho Suave*, baseada no processo de “Alfabetização pela Imagem” e o manual do professor oferecido gratuitamente. 1º Livro *Caminho Suave*, acompanhado do manual do professor, também oferecido gratuitamente. O segundo tipo, denominado Material audiovisual *Caminho Suave*, compunha dos cartazes de “Alfabetização pela Imagem”- reproduções das ilustrações da cartilha, Testes de “Alfabetização pela Imagem”, Carimbos didáticos *Caminho Suave* e Slides dos cartazes de “Alfabetização pela Imagem”. Em seguida, apresenta o endereço da Editora, o preço de CR\$ 6,00 por exemplar e finaliza com a chancela de que *o preço deste livro só se tornou possível devido à participação do INL/MEC que, em regime de coedição, permitiu o aumento da tiragem e consequente redução do custo industrial*. Não possuímos dados sobre a data do convênio firmado entre a Editora “Caminho Suave” e o INL/MEC, mas, com certeza, essa chancela garantiu, em parte, o sucesso didático da cartilha ao longo desses anos.¹⁶ A 84ª. Edição traz na primeira

¹⁶ Maria do Rosario Magnani nos informa que a cartilha *Caminho Suave* foi aprovada pela Comissão Nacional do Livro Didático em 1948, de acordo com os Pareceres de números 398 e 431 (1997:255.6).

página os dizeres: “com parecer favorável da Equipe Técnica do Livro e do Material Didático – SP, esse livro foi co-editado com a Fundação Nacional de Material Escolar Ministério da Educação e Cultura dentro do Programa Livro Didático/Ensino Fundamental 1981”.

A ilustração de um diploma na página inicial *O aluno(a)... da Escola foi alfabetizado(a) pela cartilha Caminho Suave e está apto(a) a passar para o 1º. Livro* finaliza com o preenchimento dos nomes *da cidade, data e nome da professora*.

Supõe-se que esse modelo de diploma era para ser destacado ao final do uso da cartilha, sendo essa a expectativa dos alunos. Esse “documento de certificação da alfabetização” chama-nos a atenção: 1º. O uso da palavra *cartilha Caminho Suave* apenas no diploma, pois o que predomina é o uso da expressão *alfabetização pela imagem*; 2º. *Foi alfabetizado(a) pela cartilha* nos dá a entender que basta seguir a cartilha e todos estarão alfabetizados; e 3º. Finalmente agora já pode ler o 1º. Livro. Isso nos dá ideia da concepção mecanicista/restrita do aprendizado da leitura e da escrita, onde os alunos aprendem a decifrar com as lições da cartilha e, posteriormente, ele desenvolve as habilidades de leitura.

Ao analisar diferentes edições, fica evidente que a autora lança mão do recurso visual, no caso, imagens para fazer a associação da palavra, sílaba ou letra a ser estudada. Essa associação mais elaborada, já que havia a conjugação entre a imagem e o desenho da letra, iniciando apresentando as cinco vogais: as vogais associadas às imagens **a** (corpo da abelha), **e** (tromba do elefante), **i** (torre da igreja), **o** (ovo) e **u** (contorno de uma unha).

Em seguida, são trabalhadas as sílabas *ba, ca, da*, na sequência do alfabeto, os dígrafos, sempre com a mesma estrutura, isto é, são destacadas as palavras-chaves, que, por sua vez, estão diretamente relacionadas à representação icônica. Assim, como exemplo, tem-se a cabeça do pato com o desenho do **p**, de onde se destaca a sílaba *pa* de pato que vai ser estudada.



A linguagem verbal (escrita) e não-verbal (imagem ou visual) estão presentes em todas as lições e são constitutivas da proposta metodológica de alfabetização proposta pela autora.

O livro apresenta uma estrutura simples, sequencial e repetitiva quanto à organização da estrutura das lições e o tipo de exercício. Esse último é restrito a cópias de palavras e sílabas em letra cursiva (para a autora: letra de mão). As palavras-chaves não foram modificadas, com exceção da palavra “guerra”, que é substituída por “foguetete. E a explicação para a mudança poderia ser a tentativa de poupar a criança de ler sobre um tema, que talvez possa parecer “forte”, inadequado. (...) ou uma “censura” sobre o conteúdo manifesto (DIETZSCH, 1979, p. 88).

Chamam-nos a atenção as alterações em um exemplar da década de 80. Esse se distingue dos anteriores e merece ser analisado, pois essas alterações procuram, de forma incipiente, ilustrar a cartilha, seguindo o modelo das cartilhas do método analítico, introduzindo três personagens com falas simples para mediar o livro com seus futuros leitores, os alunos: vem a ilustração de um menino e os balões com as falas: “*Eu sou Fabio. Tenho 7 anos. Vamos estudar juntos?* A menina: *Meu nome é Didi. Tenho 6 anos. Quero ser sua amiguinha.* No chão, um bebê que balbucia: *Ba... ba... ba... be...be...be...*”, - os personagens não têm ligação com as lições que são apresentadas ao longo do livro, pois essas são independentes e não há uma proposta de enredo entre elas, - como propõe o método global - o princípio metodológico da obra é de apresentação das palavras seguindo, em geral, a ordem alfabética.

Quanto aos exercícios, constata-se que, na edição analisada da década de 80, eles foram incorporados de forma substancial na cartilha, a começar pelos exercícios preparatórios de coordenação motora, eles somam 73 exercícios, em 20 páginas. Isso ocorre principalmente em função da concepção de alfabetização de que esse aprendizado era precedido por uma fase, denominada como período preparatório, com exercícios de acuidade visual, auditiva e principalmente, motora.

Na sequência, são apresentadas as consoantes na ordem alfabética, sempre associadas a uma imagem. As primeiras “palavras” são ai, au, ei, ui, oi, uá, uai. A partir dessa lição, inicia-se a apresentação das palavras com destaque para a sílaba a ser trabalhada: **b**arriga, **c**achorro, **f**aca, **g**ato,

navio, pato, rato, sapo, tapete, vaca, xadrez, Zazá. Como se vê, a cartilha continua mantendo uma estrutura simples do ponto de vista metodológico e de aplicação. Esses fatores pesavam favoravelmente na escolha de um livro didático, conforme evidenciado nos depoimentos de professoras alfabetizadoras.

Apesar de a autora denominar o seu método de “Alfabetização pela Imagem” como método eclético, a análise do material nos leva a concluir que a organização estrutural está mais coerente com os princípios do método silábico.

A concepção de aprendizagem da leitura e da escrita, presente no Guia do Professor, é de que a alfabetização envolve dois processos: o mecânico, que é o reconhecimento dos símbolos gráficos, e o psicológico, que é o desenvolvimento nas crianças das habilidades de compreensão da leitura. Para Branca Alves de Lima, no processo de alfabetização, tanto na leitura quanto na escrita, é fundamental o treinamento. Para o aprendizado da escrita, introduzem-se, desde a 1ª lição, as vogais, em diferentes tipos de letra (impressa e cursiva, maiúsculas e minúsculas) e várias propostas de exercícios “com letra de mão”, isto é, cópias em escrita manuscrita das palavras estudadas. Apesar de se afirmar, no manual do professor, que um dos aspectos a ser desenvolvido no processo de alfabetização é a habilidade de compreensão da leitura, não se constata esses princípios no material didático.

A análise da cartilha *Caminho Suave* nos leva a concluir que é um material didático que não apresenta coerência entre os pressupostos teórico-metodológicos e a efetivação na prática pedagógica. Entretanto, esse aspecto só pode ser analisado e avaliado se tiver acesso ao manual, caso contrário, o próprio material induz a uma aplicação pautada no método silábico, o que se pode comprovar com os depoimentos das professoras.

A voz e a vez dos professores

Com o desenvolvimento da escolarização das práticas de leitura e escrita, a cartilha consolida-se como um imprescindível instrumento de concretização dos métodos propostos e, em decorrência, de configuração de determinado conteúdo de ensino, assim como de certas silenciosas, mas operantes, concepções de alfabetização, leitura, escrita e texto.

Dessa forma, as alfabetizadoras brasileiras tomaram como base, ao longo dos anos, uma imagem idealizada de linguagem e da língua materna. Assim, a cartilha foi aos poucos substituindo o processo de estudos e planejamento das alfabetizadoras, na medida em que traz no seu bojo métodos e conteúdos de ensino previamente estabelecidos pelos autores.

Há mais de dez anos, temos envidado esforços com projetos de pesquisa, ensino e extensão¹⁷, no sentido de auxiliar um grupo de pesquisadores brasileiros e principalmente os mineiros a compor um grande e difícil mosaico sobre a “história da alfabetização”. Nesse período, construímos um acervo de histórias orais de alfabetizadoras brasileiras que revelaram, em suas narrativas, as opções sobre seus modos de ensinar a língua materna. Nas suas histórias, narram que o objeto essencial e muitas vezes único companheiro de sala de aula foram as famosas “cartilhas”, denominação dada aos livros de alfabetização. Neste artigo, decidimos trazer algumas narrativas de alfabetizadoras mineiras, as quais revelam seus modos de conceber e fazer da alfabetização.

Nossa proposta, neste artigo, é buscar entender os usos da cartilha *Caminho Suave* em Minas Gerais, em um período marcado pelas orientações oficiais do uso do método global, que nos motivou a analisar os depoimentos das professoras alfabetizadoras. Neste estudo, tomaremos como fontes os depoimentos de professoras que atuaram nas décadas de 50-70, em diferentes localidades: Araguari, Belo Horizonte, Cruzília, Uberlândia¹⁸.

O nosso olhar histórico sobre as cartilhas e seus respectivos métodos vêm responder, também, a uma necessidade de contribuir com a construção da história do livro, da leitura e das práticas editoriais no Triângulo Mineiro, no sul de Minas e na capital mineira.

Nossa intenção foi buscar nas vozes das professoras como elas se apropriaram ou deixaram de se apropriar de conhecimentos oficiais e

¹⁷ Ver Santos Santos, Sonia. Projeto de Pós doutoramento: História das práticas de alfabetizadoras 1930-1964. Estágio realizado no Programa de Pós Graduação da FaE/UFMG, sob a supervisão da profa. Francisca Izabel Pereira Maciel. (2011-2012).

¹⁸ Esses depoimentos foram realizados entre os anos de 1998/2001, durante pesquisa de doutoramento de Santos e Maciel, apresentamos nossos agradecimentos e homenagens às professoras que concederam seus depoimentos.

científicos, mas também tentar compreender determinados ordenamentos metodológicos, a partir do ofício e saberes do alfabetizador.

Colaborando na reconstrução da história da alfabetização em Minas Gerais, período de 1950 a 1980¹⁹ e desvendando o que este impresso representou para as alfabetizadoras, compartilhamos com Gatti Junior de que

A orientação teórica presente atualmente defende que o processo de construção de interpretações sobre o passado se faz no diálogo necessário entre nossas idéias e concepções e os indícios que conseguimos agrupar para corroborar nossas assertivas (GATTI JÚNIOR, 2002, p. 29).

Dessa forma, uma proposta de investigação dessa natureza deve ser realizada com base em textos impressos, arquivados ao longo dos anos e na memória daqueles personagens que participaram da história da alfabetização no estado de Minas Gerais utilizando a Cartilha *Caminho Suave*.

Estudar as práticas oriundas da utilização da cartilha *Caminho Suave*, no período compreendido entre 1950 a 1980, foi, antes de tudo, buscar sua inserção num quadro de representações que se interligam e são percebidas no aprofundamento do estudo das fontes, como afirma François:

(...) a história oral não somente suscita novos objetos e uma nova documentação (os “arquivos orais, tão caros a D. Schnapper), como também estabelece uma relação original entre o historiador e os sujeitos da história (FRANÇOIS. 1998, p. 9).

Diante das demandas, seja para cumprir com o programa oficial, ou aprovação de seus alunos para o segundo ano, uma vez que esses só iriam para a série seguinte se soubessem ler e escrever, entendemos as alterações que as professoras faziam diante do imperativo e da emergência da “transposição didática” (FORQUIN, 1993), as alfabetizadoras reconfiguravam suas práticas, dotando-as de uma *dinâmica própria e capaz de sair dos limites da escola para imprimir sua marca “didática”* (FORQUIN, 1993, p. 17), como nos evidencia Póvoa (2005)

¹⁹ Período em que as professoras depoentes atuaram como alfabetizadoras.

[...]nas reuniões de planejamento, a gente não tinha autonomia pra falar nada, a autonomia eu criava dentro de sala de aula [...] Eu mudava sim, podendo ou não podendo, eu mudava sim, porque eu fazia porque a realidade, quem estava vivenciando a realidade ali era eu, não era ninguém[...] (PÓVOA, 2005).

Na tentativa de apreender e explicar o sucesso dessa cartilha, buscamos analisar os discursos de alfabetizadoras que usaram a cartilha com suas turmas de alfabetização. Uma de nossas hipóteses é a facilidade do uso do livro por parte dos professores. Os depoimentos apontam nessa direção, pois o uso do livro poderia ser feito sem que os professores conhecessem o que a autora apresentava no manual do professor. Por sinal, é um livro denso. que apresenta 147 páginas, ao passo que a cartilha apresenta em média 90 páginas. Do nosso ponto de vista, bem enriquecedor para a prática do professor, mas totalmente descartável do ponto de vista dos professores. É o que nos diz Alckmin (1999): *Manual? Uai tem manual? Nunca soube, também nunca precisei.*

Se, por um lado, atribui-se à facilidade de aplicação da cartilha, isso dá ao professor autonomia para que ele trabalhe de acordo com suas intuições e prática.

Era muito diferente trabalhar com a cartilha Caminho Suave e o Livro de Lili, os alunos perdiam todos os dias as fichinhas (referindo-se ao recorte das sentenças em sílabas) (MELO, 2000).

Dava muito trabalho trabalhar com as lições do pré-livro. Eu preferia usar o livro (Os três porquinhos) só depois de trabalhar com o método do Caminho suave (ALVARENGA, 1999).

O global era muito difícil, principalmente com os alunos atrasados ou repetentes. Esses então, só o método silábico para resolver (ALCKMIN, 1999).

Assim como Chartier e Hebrard (2001) nos falam dos diferentes usos que os professores possam fazer dos livros, tomamos de Certeau os conceitos de estratégia e táticas para analisar os discursos dos professores.

Chamo de estratégia o cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado (CERTEAU, 1994, p. 100-101).

Akckmin (1999) afirma que o governo enviava cartilhas para os mais pobres, mas, para dar *conta dos alunos mais atrasados*, usava a cartilha *Caminho Suave*, pois considerava mais adequada para esses alunos. A professora aproveitava as “ocasiões” e dela dependia, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. Outros depoimentos nos remetem ao conceito de tática, descrito por Certeau (1994, p. 100-101)

como a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. (...) Ela não tem, portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. (...) Aproveita as “ocasiões” e dela depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas.

As condições concretas em que se encontravam as professoras, com turmas de alunos repetentes com dois, três anos usando a mesma cartilha, *já sabiam as lições de cor - apenas isso - mas não entendiam o que liam e nem sabiam escrever, apenas repetiam das lições*, levavam as professoras a investir no que é conhecido, bem familiar sem correr o risco de fazer grandes modificações.

Eu já tinha experiência com a cartilha *Caminho Suave*, tinha dado muito certo com meus alunos repetentes, não tive dúvidas: usei o método silábico e deu muito certo, no final do ano, meus alunos já sabiam ler e escrever! Depois que eu introduzi as leituras do Livro de Lili (ALCKMIN, 1999).

Os professores, ao afirmarem que usavam primeiro *Caminho Suave* para depois introduzir o pré-livro *Os três porquinhos* ou o Livro de Lili, indicam claramente que usam de táticas para escapar da estratégia utilizada pelo governo de manipular suas relações de força ao indicar a metodologia

analítica para o ensino da leitura e da escrita. As diferentes táticas utilizadas pelos professores estão presentes nos diversos depoimentos. Ora os professores utilizam para iniciar o processo de alfabetização, tal como nos aponta Melo:

A Diretora determinava que a gente devia usar o pré-livro dos Três Porquinhos, que era global, né? O governo ajudava comprando os livros para os alunos pobres, sem condições de comprar. Mas eu sempre começava o ano, usando o método silábico. Aí a cartilha Caminho Suave era muito boa. Ajudava muito a gente. Depois eu passava para os Três Porquinhos. Ficava mais fácil para mim e meus alunos que chegavam ao final do ano, lendo tudinho (MELO, 2000).

Fica evidente que a diretora acatava as prescrições oficiais (estratégia), mas isso não impedia a professora de usar de suas táticas para levar adiante o seu trabalho como alfabetizadora bem sucedida como deixou claro no seu discurso. As legislações podem ser consideradas estratégias dinâmicas que não se encerram com a sua publicação.

A cartilha virou método, como era comum na época. A definição de Chartier e Hébrard (2001) para método confirma a atribuição dos professores ao se referirem ao *Caminho Suave* como um método, pois, segundo os autores, pode-se considerar como tal um pequeno livro fabricado por um editor, contendo um conjunto de *princípios pedagógicos, psicológicos ou linguísticos que definem objetivos e meios adequados para atingi-los*. Entretanto, os autores também ressaltam as alterações passíveis de acontecer nas apropriações do método pelos professores, deixando brechas para heterogeneidade pedagógica do método.

Foram poucas as professoras que mencionaram conhecer e, conseqüentemente, usar o manual do professor. Em geral, elas diziam desconhecer, assim como não viam necessidade em tê-lo, uma vez que consideravam bem fácil usar o método. Era *só seguir as lições, muito fácil, qualquer um podia usar*. O fácil manuseio do livro sem mesmo apoio do manual também encontra ressonância na facilidade com que os alunos aprendiam as lições ensinadas.

Os alunos aprendiam rapidinho, as lições eram muito simples, decoravam bem depressa. Trabalhar com as famílias silábicas, copiavam as famílias no caderno, faziam cópias das palavras que iam formando com as sílabas (ALCKMIN, 1999).

Esse relato nos fornece indícios sobre a apropriação dessa cartilha pelo professor e sobre a tática desenvolvida na prática do ensino inicial da leitura e da escrita. O professor utilizava o material considerado adequado pelo poder público, no entanto, sua prática continuava arraigada nos pressupostos do método sintético, tão criticado naquela época.

Uma outra hipótese levantada por Campelo (2007) no uso de cartilhas que fugiam às prescrições governamentais seria a de que as escolas adotavam como tática a utilização de um número bem maior de exemplares de cartilhas prescritas pelo governo, consideradas novidade, mas não deixavam de solicitar em menor quantidade aquelas cartilhas com as quais os professores estavam habituados.

Provavelmente, em situações em que os alunos eram repetentes, uma alternativa dos professores era trabalhar com as cartilhas que eles já dominavam, na tentativa de facilitar o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita (CAMPELO, 2007, p. 97)

Não queremos generalizar as ideias contidas nos depoimentos colhidos e apresentados neste trabalho, mas é preciso considerar as coincidências, no caso das táticas das professoras, em adotar o *Caminho Suave*, em detrimento das orientações oficiais de ensinar a ler e escrever, que prescrevia que se alfabetizassem as crianças usando o método analítico e não o método sintético, como pregava o *Caminho Suave*.

Considerações finais

Ao tecer esta teia de interlocuções entre as histórias das alfabetizadoras, suas vidas, os cotidianos e os fazeres das alfabetizadoras, observamos a singularidade do modo de fazer de cada uma, elaborado pelas suas vivências e formações. Nóvoa (1992) chama a isso de “segunda pele profissional”, apontando a impossibilidade de separação entre o eu

profissional e o eu pessoal. “[...] *As opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser*” (NÓVOA, 1992, p. 17).

Assim como não se pode negar o encantamento dos pesquisadores no trabalho com histórias de vida de alfabetizadoras, assim como acreditamos, que esteja no sentimento que nos toma ao final deste artigo, de que tantas coisas temos, ainda, para escrever; é que suas histórias não se esgotam em perguntas diretivas, pois, à medida em que essa mistura entre os nossos “eus” se configuram, outras dimensões são conhecidas e, assim, nos vemos em condição e desejo de dialogar com esse acervo sem pressa de acabar.

Compartilhamos com Goodson (1992), que afirma sobre a importância de ouvir a voz do professor, conceituando como surpreendente e mesmo injusto o fato de que, por muito tempo, as narrativas dos professores tenham sido consideradas como dados irrelevantes. Dessa forma, as vozes das alfabetizadoras nos auxiliaram analisar o uso das cartilhas e dos métodos de Alfabetização, identificando as orientações metodológicas que utilizavam e realizando, nesse sentido, uma reflexão histórica sobre os modos como as alfabetizadoras mineiras vivenciaram o processo de alfabetização, entremeadas com as histórias de Lili, dos Três Porquinhos e procurando tornar o Caminho Suave para que os alunos aprendessem a ler a escrever.

Apesar das modificações externas e gráficas/ didática, sua essência conservou-se intocada, assim como sua condição de imprescindível instrumento de concretização de determinada concepção e método, ou seja, da sequência necessária de passos predeterminados para o ensino e a aprendizagem inicial da leitura e escrita, e, em decorrência, da configuração silenciosa de determinadas crenças sobre os modos de alfabetização, mas efetivamente operantes nas práticas de alfabetização no período ao longo das décadas até atualidade.

Outras análises da cartilha merecem ser realizadas, seja do ponto de vista gráfico ou visual, da disposição e qualidade metodológica dos exercícios apresentados na cartilha. Em uma pesquisa realizada na internet, encontramos informações sobre vendas, relatos de alunos e professores

que usaram a cartilha, assim como nos despertou o interesse de continuar essa investigação sobre os usos dessa cartilha na atualidade, pois mesmo não fazendo parte do acervo indicado no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) desde 1996, a cartilha continua sendo utilizada em escolas particulares, na alfabetização de jovens e adultos e em escolas japonesas de filhos de emigrantes.

Referências

BATISTA, Antonio A.G. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Marcia (org). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 1999, p.529-575.

CAMPELO, Kátia G. H. R. *Cartilhas de alfabetização: subsídios para a compreensão da história da alfabetização mineira (1930-1945)*. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 2007.

CHARTIER, Anne-Marie e HEBRARD, Jean. Método silábico e método global: alguns esclarecimentos históricos. In: *Historia da Educação*. ASPHE Fae/UFPEL. Pelotas (10), 141-154. out. 2001

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano; artes de fazer*. RJ: Vozes, 1990.

DIETZSCH, Mary Julia. *Alfabetização: propostas e problemas para uma análise de seu discurso*. São Paulo, Instituto de Psicologia da USP, 1979. (Dissertação de Mestrado)

FARIA FILHO, *Dos pardieiros aos palácios*. Passo Fundo, EDUPF, 2000.

FIORAVANTI, Carlos. Cartilha. *Revista Nova Escola*. São Paulo, Editora Abril (97):8-15, out. 1996 (Reportagem de capa)

FORQUIN, J.-C. *Escola e cultura: As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FRADE, Isabel Cristina A. S.; MACIEL, Francisca Izabel P. (Orgs.). *História da Alfabetização: Produção, Difusão e Circulação de Livros (MG/RS/MT – Séc. XIX e XX)*. Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2006.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Arthur Joviano: um estudo sobre as relações entre autor, Estado, editoras, usuários e sobre o método de palavras em Minas Gerais, no início do século XX. In: SCWARTZ, Cleonara Maria; PERES, Eliane; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (Org.). *Estudos de história da alfabetização e da leitura na escola*. Vitória, ES: EDUFES, 2010. p. 209-252.

_____. Livros de leitura de Abílio César Borges; ideários pedagógicos, produção e circulação. In: SCWARTZ, Cleonara Maria; PERES, Eliane.; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (Org.). *Estudos de história da alfabetização e da leitura na escola*. Vitória, ES: EDUFES, 2010. p. 171-208.

_____. Cartilha Analytica publicada pela Francisco Alves : aspectos da materialidade entre ordenamentos pedagógicos e editoriais. Disponível em www.livroehistoriaeditorial.pro.br.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janáina (Org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1998.

GATTI JÚNIOR, Décio. Apontamento sobre a pesquisa histórico-educacional no campo das instituições escolares. In: *Cadernos de História da Educação*. v. 1. n. 1. jan./dez. 2002

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1992, p. 63-78.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. *Lúcia Casasanta e o método global de contos; uma contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais*. Faculdade de Educação /UFMG. Belo Horizonte, 2001. (doutorado)

_____. As cartilhas e a história da alfabetização: alguns apontamentos. *Revista de História da Educação*. Pelotas, n.11. p.147-168, abr. 2002.

_____. História da alfabetização: perspectivas de análise. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nivea de Lima. (Orgs.). *História e Historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.227-252.

MINAS GERAIS. *Decreto N. 1.947*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1906.

MINAS GERAIS. *Instruções e Programmas do Ensino Primário do Estado de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. 1929.

MINAS GERAIS. Programa (Ensino Primário Elementar) 1961 da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais. BH imprensa Oficial 1961

MORTATTI, Maria do R. L. Cartilha de Alfabetização e Cultura Escolar: Um Pacto Secular. *Caderno Cedes*, Unicamp, ano XX, n. 52, p. 50, nov. 2000.

_____. (org.) *Alfabetização no Brasil; uma história de sua história*. São Paulo: Cultura Academica: Marília, 2011.

_____. *Os sentidos da alfabetização* – São Paulo: Editora Unesp: Comped, 2000.

NÓVOA, António.(org). *Vida de Professores*. Portugal: Porto Editora, 1992.

SANTOS, Sônia Maria dos. *Histórias de Alfabetizadoras Brasileiras: entre Saberes e Práticas*. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

SANTOS, Sônia Maria e ARAÚJO Osmar Ribeiro, *HISTÓRIA ORAL: VOZES, NARRATIVAS E TEXTOS*, *Cadernos História da Educação*, EDUFU, UFU, V 6, 2007.

SANTOS, Sônia Maria e ARAÚJO CUNHA Gustavo, *A Cartilha Caminho Suave: História, Memória e Iconografia*. *FENIX, Revista de História e estudos Culturais*. V 5 Ano, N 2. 2008.

SANTOS, Sônia Maria e LIMA Michelle, *História e Memória Local: A Cartilha Caminho Suave: 1960-1870*. *Revista Novo Horizonte*, UFU. 2008.

SOARES, M. B. *Metamemória, memórias: travessia de uma educadora*. São São Paulo: Cortez, 1991. 124p

VIÑAO FRAGO, Antonio. *Historia de la educación e historia cultural*. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.0, p.63-82, set./dez. 1995.

LIMA, Branca Alves de. *Caminho Suave*. 76ª ed. São Paulo. Editora “Caminho Suave” Limitada Mec.1974.

LIMA, Branca Alves de. *Guia do professor; aplicação da cartilha Caminho Suave*. (Edição a título precário). São Paulo. Editora “Caminho Suave” Limitada. (s/d)

Depoimentos de alfabetizadoras:

ALCKMIN, Wanda. Alfabetizadora do município de Cruzília, Minas Gerais, 1999.

ALVARENGA, Zenaide. Alfabetizadora do município de Belo Horizonte, Minas Gerais, 1999.

MELO, Lia. Alfabetizadora do município de Belo Horizonte, Minas Gerais, 2000.

PÓVOA, Alfabetizadora do município de Araguari, Minas Gerais, 2000.

Data de registro: 24/07/2012

Data de aceite: 17/10/2012